

**REVISTA**  
**BATISTA**  
**PIONEIRA**

*Bíblia* ▪ *Teologia* ▪ *Prática*

Volume 11  
Número 1  
Junho 2022

## **O MAIOR É O MENOR: QUEM SÃO OS PEQUENINOS E QUAIS OS ENSINOS DE JESUS SOBRE ELES EM MATEUS 18.1-14**

*The biggest is the smallest: who are the little ones and what Jesus teaches about them in Matthew 18.1-14*

*Esp. Cléber Mateus de Moraes Ribas<sup>1</sup>  
Dr. Claiton André Kunz<sup>2</sup>*

### **RESUMO**

A perícope de Mateus 18.1-14 tem sido interpretada de diferentes formas por muitos teólogos e estudantes da Bíblia. Dentre estes, muitos entendem que Jesus, ao falar acerca dos pequeninos no texto em questão, está se referindo exclusivamente às crianças. No entanto, este entendimento pode apresentar algumas dificuldades e problemas teológicos, como por exemplo o entendimento da existência de anjos guardiões das crianças, visto que Jesus fala sobre “anjos dos pequeninos”. Assim, Jesus estaria se referindo às crianças quando fala sobre os pequeninos ou não necessariamente? E qual seria o ensino principal de Jesus ao tratar acerca das crianças e dos pequeninos? Tendo por objetivo responder a estas questões, neste artigo é apresentado um estudo bibliográfico e hermenêutico da perícope apontando algumas questões contextuais concernentes à perícope com análise de termos-chave na língua grega, bem como quem são os pequeninos citados por Jesus, o que se espera deles e qual deve ser a atitude das outras pessoas em relação a eles. Para isso, o artigo tem como aporte teórico comentários bíblicos do Evangelho de Mateus e obras sobre a língua grega. Portanto, a perícope de Mateus 18.1-14 trata principalmente acerca dos pequeninos de Jesus. Estes não necessariamente são crianças, mas sim todos

<sup>1</sup> O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, Pós-Graduado em Design Instrucional pelo SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) e Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. É designer instrucional da Faculdade Batista Pioneira. E-mail: [cleber@batistapioneira.edu.br](mailto:cleber@batistapioneira.edu.br)

<sup>2</sup> Graduado em Teologia e Filosofia, Mestre em Novo Testamento e Mestre e Doutor em Teologia (ênfase em Bíblia). Diretor e professor da Faculdade Batista Pioneira, professor do Mestrado Profissional em Teologia da FABAPAR e professor adjunto do Mestrado em Ministérios da Carolina University. E-mail: [claiton@batistapioneira.edu.br](mailto:claiton@batistapioneira.edu.br)

aqueles que são humildes como ela, se humilham diante de Deus reconhecendo a sua condição de pecador, miserável e destituído de qualquer mérito para a salvação. Desta forma, estes pequeninos devem ser cuidados pelos demais, a saber, a Igreja de Jesus. Eles não devem ser escandalizados, isto é, tropeçarem por causa de uma má conduta de outros e, caso tenham se afastado, não devem ser desprezados de forma alguma. Pelo contrário, devem ser valorizados assim como são pelo próprio Senhor.

**Palavras-chave:** Crianças. Pequeninos. Humildade. Reino dos Céus.

## **ABSTRACT**

The pericope of Matthew 18.1-14 has been interpreted in different ways by many theologians and students of the Bible. Among these, many understand that Jesus, when speaking about the little ones in the text in question, is referring exclusively to children. However, this understanding may present some difficulties and theological problems, such as the understanding of the existence of guardian angels for children, since Jesus talks about “angels of the little ones”. So, would Jesus be referring to children when he talks about little ones or not necessarily? And what would be the main teaching of Jesus when dealing with children and little ones? With the aim of answering these questions, this article presents a bibliographical and hermeneutic study of the pericope, pointing out some contextual questions concerning the pericope with analysis of key terms in the Greek language, as well as who are the little ones mentioned by Jesus, what is expected of them and what should be the attitude of other people towards them. For this, the article has as theoretical support biblical commentaries of the Gospel of Matthew and works on the Greek language. Therefore, the pericope of Matthew 18.1-14 deals mainly with the little ones of Jesus. These are not necessarily children, but all those who are humble like her, humble themselves before God, recognizing their condition as sinners, miserable and devoid of any merit for salvation. In this way, these little ones must be cared for by others, namely, the Church of Jesus. They are not to be scandalized, that is, stumbled because of the misconduct of others, and if they have strayed, they are not to be despised in any way. On the contrary, they should be valued just as they are by the Lord himself.

**Keywords:** Children. Little ones. Humility. Kingdom of Heaven.

## **INTRODUÇÃO**

Há muitos textos bíblicos de difícil compreensão ou cujas interpretações por parte de alguns teólogos parecem não estar em consonância com o restante das Escrituras. Dentre estes textos, há alguns relatos de ensinamentos de Jesus. No texto de Mateus 18.1-14 Jesus responde aos seus discípulos à pergunta sobre quem seria o maior no reino dos céus a partir do exemplo de uma criança. Em meio ao ensino, ele fala das crianças e dos pequeninos e faz algumas afirmações - como por exemplo a de que os anjos destes pequeninos estão sempre vendo a face de Deus. Alguns interpretam a perícopes como se todo o texto se referisse às crianças. Ou seja, para eles, quando Jesus se refere aos pequeninos ele está falando sobre as crianças. Devido à concordância com esta ideia, alguns - como Brewster - afirmam que as crianças possuem anjos específicos para o seu cuidado, ou seja, algo como “anjos da guarda”.<sup>3</sup> Por isso, faz-se necessária uma análise mais profunda para se buscar uma interpretação correta da passagem, a fim de encontrar respostas para questões como, por exemplo: uma vez que a

<sup>3</sup> BREWSTER, Dan. **O que a Bíblia diz sobre as crianças?** Disponível em: <<https://ultimato.com.br/sites/maosdadas/2019/11/27/o-que-a-biblia-diz-sobre-as-criancas-2/>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

expressão “criança” aparece nos cinco primeiros versículos e a partir do sexto Jesus usa a expressão “pequeninos”, esta mudança seria intencional? Jesus estaria se referindo às crianças quando fala sobre os pequeninos ou não necessariamente? Existiriam então anjos guardiões das crianças? E ainda, qual seria o ensino principal de Jesus ao tratar acerca das crianças e dos pequeninos?

Desta forma, no presente artigo será apresentada a interpretação da perícopes buscando uma compreensão correta acerca do ensino de Jesus. Primeiramente, buscar-se-á uma definição sobre quem seriam os pequeninos citados por Jesus. Também será apontado o que Jesus ensinou na perícopes acerca do que se espera dos pequeninos e como deve ser o tratamento para com estes por parte dos seus seguidores de Cristo.

## 1. OBSERVAÇÕES INICIAIS ACERCA DA PERÍCOPE

O ponto central da perícopes reside na pergunta dos discípulos sobre quem era o maior no reino dos céus. Os ensinamentos de Jesus que se seguem têm como objetivo tratar desta questão corrigindo a perspectiva equivocada que os discípulos ainda mantinham. Ele faz isso enfatizando tanto a necessidade da humildade quanto do tratamento para com os humildes. Wiersbe aponta que muito provavelmente a questão sobre quem seria o maior dentre os discípulos no reino vindouro estava sendo discutida com frequência por eles já há algum tempo antes desta pergunta, visto que alguns deles pareciam estar ganhando certo destaque. Dentre estes, Pedro parecia ser o principal, uma vez que havia andado sobre as águas e estado dentre os que viram Jesus transfigurado, além de, como relatado no capítulo anterior, ter pegado uma moeda de forma milagrosa da boca de um peixe, sob as ordens de Jesus, para pagar os seus impostos.<sup>4</sup> Hendriksen também aponta nesta direção, ao afirmar que possivelmente os discípulos se perguntavam se Pedro seria a pessoa mais importante depois de Jesus quando este estivesse reinando.<sup>5</sup> Fato é que este questionamento mostrava que os discípulos ainda eram muito imaturos e estavam muito longe da compreensão dos ensinamentos de Jesus.<sup>6</sup> Souza e McGee apontam que Jesus já havia ensinado sobre o tema da humildade diversas outras vezes, como por exemplo no sermão do monte. Da mesma forma, esta não foi a última vez que ele ensinou sobre este tema.<sup>7</sup>

Nesta perícopes, então, mais uma vez Jesus estava lhes ensinando acerca da humildade como sendo crucial para os que desejavam fazer parte de seu reino e, por conseguinte, de sua Igreja. Segundo Rienecker, o capítulo todo trata da vida em comunidade entre os seguidores de Cristo, tanto em relação a como fazer parte desta, quanto em como lidar com os seus demais membros.<sup>8</sup> Hendriksen concorda ao afirmar que o capítulo deva ser considerado como uma unidade. No entanto, ainda que, aparentemente, o capítulo todo apresente uma unidade neste sentido da vida em comunidade, é possível perceber que Jesus trata de assuntos diferentes quando se refere aos seus pequeninos e à comunidade em geral.<sup>9</sup> Dos versículos 1 a 14 ele claramente aponta quem são e como devem ser tratados os seus pequeninos, conforme será abordado posteriormente neste artigo. Ele afirma que as pessoas não deveriam escandalizar, isto é, ser pedra de tropeço para eles. Já nos versículos que seguem ele aponta como deveria ser a atitude dos discípulos uma vez que alguém houvesse pecado contra eles. Ou seja, Jesus inicia explicando sobre quem são os pequeninos e como estes deveriam ser tratados pelos discípulos e, posteriormente, aponta como estes deveriam tratar aqueles que lhes causassem dano. Assim sendo, é possível compreender o capítulo como sendo um mesmo ensino geral (a vida em comunidade), mas dividido em ao menos duas partes distintas (os pequeninos do reino e

<sup>4</sup> WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2012, vol. 1., p. 84)

<sup>5</sup> HENDRIKSEN, William. **Mateus**: comentário do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. v. 2, p. 258.

<sup>6</sup> SOUZA, Itamir Neves de; MCGEE, John Vernon. **Mateus**: comentário bíblico. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2008, p. 242.

<sup>7</sup> SOUZA; MCGEE, 2008, p. 242.

<sup>8</sup> RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Mateus**. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998, p. 311.

<sup>9</sup> HENDRIKSEN, 2001, p. 259.

o relacionamento entre os cidadãos do reino). Desta forma, para o presente estudo serão analisados apenas os versículos 1 a 14 para que seja possível compreender o seu ensino imediato em resposta à pergunta dos discípulos e acerca de quem são os pequeninos aos quais Jesus se refere.

## 2. QUEM SÃO OS PEQUENINOS

Para responder à pergunta dos discípulos, Jesus usa o exemplo de uma criança. A pergunta deles era sobre quem é o maior no reino dos céus, ao que Cristo respondeu que seriam aqueles que se fizessem humildes como aquela criança. A seguir, no versículo 5, ele afirma que quem recebesse uma criança em seu nome estaria igualmente o recebendo. Em sua resposta, até este versículo, Jesus se refere à criança usando o termo παιδίον (*paídion*). No entanto, a partir do versículo 6 ele passa a falar sobre os pequeninos, usando o termo μικρῶν (*micrôn*).<sup>10</sup>

Muitas versões bíblicas em língua portuguesa trazem a expressão “destes pequeninos”, dando a impressão de que pequeninos é uma referência direta às crianças. Mas seria possível que ele estivesse se referindo a outro grupo de pessoas que não necessariamente fossem as crianças? Souza e McGee apontam que há dois principais entendimentos sobre isto: muitos entendem que a referência aos pequeninos é relativa a quem humildemente cria em Jesus, enquanto outros entendem haver uma referência específica às crianças. Por conseguinte, para os que creem desta forma Jesus estaria afirmando nesta passagem a necessidade do cuidado pelas crianças, bem como a evangelização destas.<sup>11</sup>

A questão não é apenas semântica, mas muito mais profunda e carece de uma resolução. Por exemplo, se Jesus está se referindo apenas às crianças ao usar a expressão “pequeninos”, então ao afirmar que o Pai não deseja que nenhum deles se perca, Jesus está afirmando que esta preocupação é restrita às crianças. Porém, ele afirma isso como uma conclusão do que acabara de dizer ao contar a parábola da ovelha perdida, também relatada no capítulo 15 de Lucas em alusão aos pecadores que se arrependiam. Naquela ocasião, ele se referia diretamente a adultos, uma vez que respondia à acusação dos mestres da Lei acerca de sua “associação com pecadores”. Por conseguinte, parece haver uma grande discrepância entre os sentidos da mesma parábola. Além disso, se a referência de Jesus era diretamente à criança ou mesmo às crianças de maneira geral, por que há uma mudança no uso dos termos? Eles poderiam ser apenas sinônimos?

Como citado anteriormente, o texto apresenta dos versículos 1 a 5 a palavra criança (παιδίον) e dos versículos 6 a 14, pequenino (μικρῶν). Segundo o Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, a palavra παιδίον é um diminutivo da palavra παῖς (país) que significa “criança”. A diferença está no fato de que παῖς denota uma criança de 7 a 14 anos e παιδίον uma criança de até 7 anos de idade.<sup>12</sup>

Já o termo μικρῶν é derivado da palavra μικρός (mikrós) que, segundo Louw e Nida, pode ser traduzida tanto para alguém mais novo em uma relação de comparação entre pessoas, quanto de importância ou status, como por exemplo “mais humilde” ou “menos importante”.<sup>13</sup> Na LXX, μικρός aparece na maioria das vezes traduzindo as palavras “pequeno”, “jovem” e “poucos”, como por exemplo em 1 Samuel 16.11, em que traduz a expressão “filho menor” e em Isaías 11.16, “menininho”.<sup>14</sup> Já entre os rabinos a palavra era usada com frequência para se referir aos jovens discípulos, também podendo ter um sentido depreciativo, denotando imaturidade.<sup>15</sup> Quanto ao uso em referência a jovens

<sup>10</sup> LUZ, Waldyr Carvalho. **Novo Testamento interlinear**. 26.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 62.

<sup>11</sup> SOUZA; MCGEE, 2008, p. 244.

<sup>12</sup> COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2007, vol. 1, p. 465, 467-468.

<sup>13</sup> LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos**. Tradução de Wilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 574, 658.

<sup>14</sup> COENEN; BROWN, 2007, p. 919.

<sup>15</sup> COENEN; BROWN, 2007, p. 920.

discípulos, chama atenção o fato de que Mateus somente utiliza a palavra μικρῶν em outro momento, a saber, Mateus 10.42, em que Jesus se refere aos seus discípulos. No restante dos textos do Novo Testamento, de forma geral, a palavra mantém-se como utilizada na LXX.<sup>16</sup>

O seu significado principal é “pequeno” em contraste a μέγας (*mégas*), que significa “grande”, geralmente aludindo a uma oposição em termos de quantidade ou qualidade relacionados a um período de tempo, objetos e/ou seres vivos.<sup>17</sup> Isto é importante, pois na presente perícopé a palavra μείζων, que é o comparativo irregular de μέγας,<sup>18</sup> aparece nos versículos 1 e 4.

Nota-se que, ainda que aparentemente haja um contraste ou algum sentido especial no fato de Jesus deixar de usar “criança” para usar a palavra “pequenino”, isto é, παιδίον para μικρῶν, a comparação real está entre μείζων e μικρῶν. Ou seja, Jesus é perguntado sobre quem é o maior e responde: o menor (esta questão será mais bem explicada mais adiante neste artigo). Ou seja, παιδίον não é centro da perícopé ou mesmo um sinônimo para μικρῶν, e sim o exemplo para que seja possível compreender quem seria este. Desta forma, os pequeninos não necessariamente são as crianças, mas também podem ser estas. Lopes aponta que os pequeninos podem ser todos aqueles crentes em Jesus que as outras pessoas consideram como sendo pequenas ou sem valor.<sup>19</sup> Rienecker também entende que a expressão não denota apenas uma criança por menor que seja, mas também os novos convertidos, ou seja, aqueles que ainda são “crianças na fé”; os “insignificantes, os pequenos e fracos no reino de Deus”.<sup>20</sup> Souza e McGee são concordantes com esta posição<sup>21</sup>, assim como Tasker, que acrescenta que a expressão “que creem em mim” no versículo 6 evidencia o fato de que o termo “pequeninos” faz referência a um grupo maior de pessoas do que apenas as crianças.<sup>22</sup> Portanto, é possível afirmar que os pequeninos nesta perícopé são todos aqueles que creem em Jesus e, assim, possuem as características que Jesus aponta por meio da criança.

### 3. O QUE SE ESPERA DOS PEQUENINOS

Jesus responde à pergunta dos discípulos primeiramente afirmando como eles poderiam entrar no reino dos céus e só então explica quem seria o maior. Ele afirma que eles deveriam tornar-se como crianças, isto é, serem convertidos para poderem ter acesso ao reino. Segundo Tasker, o verbo στραφήτε (*straphéte*) deve ser construído como passivo estrito, visto que a ação não pode ser produzida pelo próprio homem. Assim, tornar-se como crianças refere-se a nascer de novo de maneira sobrenatural, conforme João 3.3-6.<sup>23</sup> Hendriksen aponta que este ato é obra divina, portanto seria impossível que os discípulos conseguissem realizá-lo por conta própria. Para ele, tanto a salvação quanto a fé são presentes imerecidos dados por Deus e, por isso, não há como ter qualquer forma de orgulho por parte do ser humano.<sup>24</sup> Conforme Ryle,

Todos precisamos de uma radical mudança em nossa natureza. Por nós mesmos não teríamos nem fé, nem temor, nem amor para com Deus. ‘Importa-vos nascer de novo’ (Jo 3.7). Por nós mesmos somos totalmente despreparados para habitar na presença do Senhor. O céu não seria céu para nós, se não nos convertêssemos. Isso aplica-se com igual verdade a todas as fileiras, classes e ordens da humanidade. Todos nós temos nascido no pecado e somos filhos da ira, sem uma única exceção. Por isso mesmo, precisamos nascer

<sup>16</sup> COENEN; BROWN, 2007, p. 920.

<sup>17</sup> COENEN; BROWN, 2007, p. 919.

<sup>18</sup> REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. **Noções do grego bíblico**: gramática fundamental. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 315.

<sup>19</sup> LOPES, Hernandes Dias. **Mateus**: Jesus, o Rei dos reis. São Paulo: Hagnos, 2019, p. 554.

<sup>20</sup> RIENECKER, 1998, p. 313.

<sup>21</sup> SOUZA; MCGEE, 2008, p. 244.

<sup>22</sup> TASKER, R. V. G. **Evangelho segundo Mateus**: introdução e comentário. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 1980, p. 140.

<sup>23</sup> TASKER, 1980, p. 139.

<sup>24</sup> HENDRIKSEN, 2001, p. 262-263.

do alto, tornando-nos novas criaturas. É mister que um coração novo comece a pulsar dentro de nós, que um espírito novo nos seja insuflado. As coisas antigas precisam passar, e todas as coisas devem ser renovadas.<sup>25</sup>

Souza e McGee são concordantes com esta afirmação sobre nascer de novo ao apontarem que é necessário que o homem se torne como uma criança no sentido espiritual.<sup>26</sup> Assim, a questão não era que os discípulos tinham de ter a criança como um exemplo de alguém que se humilhava ou que era humilde e sim humilharem-se até que ficassem como a criança, isto é, sem consciência ou pretensão de ser grande.<sup>27</sup> Eles estavam questionando Jesus sobre qual deles seria o maior no reino dos céus, ao que ele respondeu que se não mudassem a sua forma de pensar certamente nem chegariam até lá.<sup>28</sup>

Como então os discípulos deveriam pensar? Eles deveriam ser humildes, isto é, considerar-se verdadeiramente frágeis, ignorantes e miseráveis. Quanto maior é a fragilidade de alguém, mais presente poderá ser o amor e o auxílio de Deus sobre sua vida.<sup>29</sup> Hendriksen aponta que esta humildade também pode ser entendida como uma confiança humilde, tendo em vista a expressão “quem crer em mim” presente no versículo 6. E é exatamente esta que é enfatizada por Jesus na passagem, assim como o ensino é percebido em outros textos, como Mateus 20.20-28, 23.11-12, Marcos 9.35 e 42 e Lucas 18.14 e 22.24-30.<sup>30</sup>

Qualquer pessoa que for orgulhosa ou considerar que merece algo jamais receberá a graça da salvação. O reino dos céus é recebido como um presente por meio da graça, isto é, como um favor imerecido. Portanto, a graça só pode ser recebida mediante a verdadeira humildade. E esta não é uma humildade fingida ou cujo propósito seja de receber a graça. Aliás, este é um paradoxo da graça: aquele que se considerar merecedor de recebê-la, ainda que minimamente, jamais irá alcançá-la, ao passo que aquele que considera que é absolutamente imerecedor deste favor é exatamente quem o recebe. Tasker afirma que as pessoas só podem ter a humildade necessária para herdar o reino caso estejam preparadas para serem insignificantes como eram as crianças no mundo antigo.<sup>31</sup>

Por fim, Wiersbe e Rienecker apontam também diversas qualidades às crianças, como confiança, dependência, altruísmo, modéstia e franqueza.<sup>32</sup> No entanto, conforme Tasker, Jesus não enfatiza nenhuma outra virtude das crianças ou mesmo elogia a sua humildade.<sup>33</sup> Ou seja, não há nada na perícopes em questão que corrobore apontar inúmeras qualidades das crianças, uma vez que Jesus fala claramente apenas acerca de se fazer humilde como elas. Ele não usou aquela criança como um exemplo de pureza, inocência ou fé, mas de desinteresse em se tornar alguém importante.<sup>34</sup> Portanto, embora alguns erroneamente alistem inúmeras qualidades que acreditam que Jesus estava enfatizando nesta perícopes, é possível afirmar que isso é um erro, visto que apenas uma é apontada: a humildade.

#### **4. COMO DEVEM SER TRATADOS OS PEQUENINOS**

Uma vez que é possível estabelecer que os pequeninos apontados na perícopes são aqueles que humildemente reconhecem sua condição de incapacidade de alcançar o favor de Deus por seus próprios méritos, tendo assim que se tornarem como crianças, isto é, nascendo espiritualmente por meio da fé em Jesus, é possível analisar qual a postura que Jesus espera que se tenha em relação a estes. Eles não

<sup>25</sup> RYLE, J. C. *Meditações no evangelho de Mateus*. São Paulo: Fiel, 1991, p. 145.

<sup>26</sup> SOUZA; MCGEE, 2008, p. 243.

<sup>27</sup> TASKER, 1980, p. 140;

<sup>28</sup> WIERSBE, 2012, p. 84-85.

<sup>29</sup> RIENECKER, 1998, p. 311.

<sup>30</sup> HENDRIKSEN, 2001, p. 262.

<sup>31</sup> TASKER, 1980, p. 139.

<sup>32</sup> WIERSBE, 2012, p. 84; RIENECKER, 1998, p. 312.

<sup>33</sup> TASKER, 1980, p. 139.

<sup>34</sup> SOUZA; MCGEE, 2008, p. 243;

deveriam ser escandalizados ou desprezados, mas sim cuidados pela comunidade da fé.

Rienecker aponta que poderia haver muitas injustiças na vida de fé dos novos convertidos por parte dos “adultos” da fé, e por isso era necessário que estes abandonassem toda e qualquer atitude que viesse a ser motivo de escândalo para aqueles. A palavra *σκανδαλίση* (*scandalise*) é derivada de *σκάνδαλον* (*skandalon*), que significa tropeço. Ela foi usada por Jesus quando ele repreendeu a Pedro chamando-o de Satanás em Mateus 16.23.<sup>35</sup> Segundo Vischer, a expressão denota “o empecilho que se coloca em nosso caminho, de modo que tropeçemos ou sejamos desviados do rumo certo e caímos na perdição”.<sup>36</sup> Pode-se entender também o significado da palavra como sendo “ferir a consciência de”, “for ocasião de cair” e “ofender” além de “fazer tropeçar”.<sup>37</sup> Desta forma, a primeira atitude para com os pequeninos de Jesus é não ser pedra de tropeço para eles, isto é, não ser para eles motivo de escândalo.

Além disso, é crucial não agir com desprezo em relação a eles. Neste caso, esta orientação se refere tanto às crianças (v. 5) quanto em relação aos pequeninos de Jesus (v. 10-14). É possível compreender por que Jesus fala o mesmo tanto em relação às crianças quanto aos seus pequeninos a partir da perspectiva da realidade das crianças na sociedade à época de Jesus. Segundo Lopes (2019, p. 551), elas eram desprezadas, despercebidas pelos adultos. Não havia quem lhes desse atenção. No entanto, Jesus valorizava as crianças de tal forma que afirmou que quem as recebesse, a si mesmo estaria recebendo. Ou seja, receber a pessoa menos importante da sociedade da época era lhe receber, pois as crianças representavam muito mais que elas próprias. Elas representavam os excluídos e os desprezados da sociedade - os quais ainda existem na contemporaneidade.

Souza e McGee afirmam que a parábola da ovelha perdida mostra o quanto Jesus se preocupa com cada uma de suas ovelhas. Ele recomendou aos discípulos que não as desprezassem, visto que seu desejo era que nenhum dos seus pequeninos se perdesse.<sup>38</sup> Conforme Rienecker, o sentido da parábola em Mateus é diferente de Lucas 15.<sup>39</sup> No texto lucano o intuito é descrever o amor do Pai que procura os perdidos sem medir esforços, enquanto em Mateus além deste sentido também há o interesse de mostrar o valor de cada indivíduo para Deus. Para ele, cada pessoa é preciosa como uma ovelha desgarrada cuja ausência é notada por seu dono. Deus não despreza os seus pequeninos e espera que a sua igreja também não o faça. Assim, muito mais do que cuidar dos pequenos, fracos e menos favorecidos, a comunidade de fé deve ir à procura dos perdidos e desgarrados tal qual o Senhor faz; ela deve se importar com eles de tal forma que não os despreze de forma alguma.<sup>40</sup>

Neste sentido, é interessante pensar no grande número de pessoas que pelos motivos mais diversos se afastaram das igrejas. No Brasil, aumenta a cada dia o número de pessoas que frequentavam uma igreja e por conta de algo que lhes foi como pedra de tropeço acabaram afastadas como ovelhas desgarradas. E, infelizmente, muitas são desprezadas pelas igrejas, uma vez que acabam por serem esquecidas ou abandonadas. Aqui apresenta-se uma questão de suma importância para a reflexão das igrejas protestantes no Brasil: será que devido a diferentes tipos de escândalos muitos pequeninos estão se desgarrando? E será que, uma vez tendo se afastado da igreja, muitos destes não estão sendo desprezados por elas? É mister que as igrejas protestantes atentem para o chamado de Jesus ao cuidado pelas suas ovelhas perdidas.

Este cuidado pelos pequeninos por parte da igreja é tão relevante que Jesus demonstra que os anjos estão zelando por eles. Quanto a estes anjos, como já fora apresentado anteriormente,

<sup>35</sup> RIENECKER, 1998, p. 313.

<sup>36</sup> VISCHER, 1946, citado por RIENECKER, 1998, p. 313.

<sup>37</sup> TASKER, 1980, p. 140.

<sup>38</sup> SOUZA; MCGEE, 2008, p. 246.

<sup>39</sup> RIENECKER, 1998, p. 316.

<sup>40</sup> RIENECKER, 1998, p. 316.



alguns entendem que este trecho dê base para a crença em anjos da guarda das crianças. Wiersbe, por exemplo, parece apresentar este entendimento. No entanto, conforme já foi exposto anteriormente, os pequeninos citados na perícopes não são necessariamente as crianças e sim os crentes em Jesus.<sup>41</sup> Assim, a hipótese de serem anjos guardiões das crianças se torna equivocada. Sobre esta questão, Hendriksen afirma:

Não tenho podido encontrar melhor interpretação da passagem do que aquela oferecida por Calvino em seu comentário *A Harmony to the Evangelists Matthew, Mark, and Luke*. Ele interpreta as palavras de Jesus no seguinte sentido: ‘não é coisa leviana desprezar a quem tem os anjos como seus companheiros e amigos... Portanto, devemos precaver-nos de desprezar a salvação delas, a qual os próprios anjos têm sido incumbidos de promover... O cuidado de toda a igreja está confiado aos anjos, para assistir a cada membro segundo sua necessidade o requeira.’

A isto, A. Kuiper acrescenta dois importantes pensamentos: a. Mateus 18.10 não enfatiza que os anjos falam a Deus em nosso favor, mas, antes, que Deus, por meio de seus anjos, cuida de seus escolhidos; e b. não obstante, o cuidado e a vigilância prestados aos filhos de Deus pelos anjos não são de um caráter meramente mecânico e arbitrário. Ao contrário, como se faz evidente à luz de passagens tais como Lucas 15.10 (‘há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende’) e 16.22 (‘Aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos para o seio de Abraão’), os anjos levam as necessidades dos filhos de Deus dentro do próprio coração, se interessam profundamente por eles e os amam.<sup>42</sup>

Assim, uma vez que os anjos, bem como o próprio Jesus, têm apreço pelo cuidado para com os pequeninos é fundamental que as comunidades eclesiais tenham o mesmo cuidado, não se tornando causa de escândalo e/ou desprezando-lhes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a perícopes de Mateus 18.1-14 trata principalmente acerca dos pequeninos de Jesus. Estes não necessariamente são crianças, mas sim todos aqueles que se humilham diante de Deus reconhecendo a sua condição de pecador, miserável e destituído de qualquer mérito para a salvação. Desta forma, estes pequeninos devem ser cuidados pelos demais, a saber, a Igreja de Jesus. Eles não devem ser escandalizados, isto é, tropeçarem por causa de uma má conduta de outros e, caso tenham se afastado, não devem ser desprezados de forma alguma. Pelo contrário, devem ser valorizados assim como são pelo próprio Senhor.

Obviamente, esta percepção não deve servir de pretexto para que a igreja não se dedique ao cuidado e à evangelização das crianças. Há outros textos que apontam nesta direção, embora também sejam passíveis de uma análise mais acurada, como o texto do capítulo seguinte, a saber, Mateus 19.13-15, no qual Jesus afirmou aos discípulos que deixassem as crianças ir a ele e não as impedissem. De qualquer forma, uma vez que os pequeninos são aqueles conforme foi apresentado no presente artigo, é plenamente possível que as crianças compreendam a sua pecaminosidade, sua carência do perdão de Deus e, por conseguinte, humildemente venham a crer em Jesus.

## REFERÊNCIAS

BREWSTER, Dan. **O que a Bíblia diz sobre as crianças?** Disponível em: <<https://ultimato.com.br/sites/maosdadas/2019/11/27/o-que-a-biblia-diz-sobre-as-criancas-2/>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2007. v. 1.

HENDRIKSEN, William. **Mateus**: comentário do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. v. 2.

<sup>41</sup> WIERSBE, 2012, p. 84.

<sup>42</sup> HENDRIKSEN, 2001, p. 271.

LOPES, Hernandes Dias. **Mateus: Jesus, o Rei dos reis**. São Paulo: Hagnos, 2019.

LOUWN, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos**. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

LUZ, Waldyr Carvalho. **Novo Testamento interlinear**. 26.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. **Noções do grego bíblico: gramática fundamental**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Mateus**. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998.

RYLE, J. C. **Meditações no evangelho de Mateus**. São Paulo: Fiel, 1991.

SOUZA, Itamir Neves de; MCGEE, John Vernon. **Mateus: comentário bíblico**. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2008.

TASKER, R. V. G. **Evangelho segundo Mateus: introdução e comentário**. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 1980.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo: Novo Testamento**. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2012. v. 1.w



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com  
uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -  
4.0 Internacional*